



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

AS DAMAS E AS DONAS DO CASTELO. O PERFIL DAS MULHERES NOS CONTOS DE FADAS ADPATADOS PELA DISNEY NOS SÉCULOS XX E XXI

Queiroz ,Maria Helena Tuanne¹
helenaqueiroz93@gmail.com

Co- Autora : Crispiniano Monyke do Nascimento²
monykmnc@gmail.com

Orientadora : LIMA, Rozeane Albuquerque³
rozeanelima@gmail.com

Os contos de fadas fazem parte da imaginação das crianças, atrelando a vida real ao mundo imaginário, quem nunca sonhou em ser uma princesa e viver no castelo encantado à espera de um héroi (príncipe) em seu cavalo branco que fornecesse proteção e o amor eterno? Essas fantasias vão sendo desconstruídas com a chegada da adolescência e vida adulta, juntamente com os discursos que vão sendo fabricados pela sociedade.

Sabendo que nossa cultura nos instrui muito cedo sobre a diferença entre o masculino (ativo) e o feminino (passivo), ao reproduzir os discursos dos contos de fadas estamos transmitindo, de forma subliminar, como deve ser o comportamento para o universo feminino. Essa busca pela pessoa perfeita, pelo ideal de amor, acaba ocasionando um sofrimento pois nem sempre o indivíduo acha o que procura. Por exemplo, uma ‘princesa’ era uma mulher da sociedade burguesa, a única que tinha condição social que as permitia uma educação diferenciada das mulheres de classe menos abastada.

O presente estudo buscou fazer uma análise dos contos de fadas clássicos (do século XX) e os atuais (do século XXI), baseados nos filmes da Walt Disney, dentre eles Branca de Neve (1937), Cinderela (1950), A Bela Adormecida (1959), Valente (2012), Frozen (2013) e Malévola (2014). Tivemos como objetivo identificar os padrões de comportamento e os espaços criados para a mulher ao longo destes dois períodos distintos. Tendo como

¹ Maria Helena Tuanne Queiroz , graduanda em Licenciatura plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba. (UEPB). Bolsista/PIBIC. E-mail: helenaqueiroz93@gmail.com

² Monyke do Nascimento Crispiniano, graduanda em Licenciatura plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba. (UEPB). Bolsista do PIBID/ CNPQ.

³ Professora do Departamento de História - UEPB.Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) E-mail: rozeanelima@hotmail.com



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

complemento a análise de dos pôster, um de cada fase, A Bela Adormecida (XX) e Valente (XXI).

No século XVII, a literatura infantil ocidental se expandiu através da escrita de Charles Perrault, escritor francês que publicou uma coleção dos contos de fadas em 1667, com o título *Contos do Tempo Passado com moralidades ou Histórias*, embora tenha ficado conhecido por seu subtítulo: Contos da mamãe gansa, seus principais contos foram A Bela adormecida, Cinderela, Gato de botas, o pequeno Polegar, Barba Azul e Chapeuzinho Vermelho.

Outra contribuição para a maior visibilidade das histórias infantis ocorreu através da *The Walt Disney Company*, empresa multinacional fundada em 16 de outubro de 1923, por Walt Disney e Roy Oliver Disney que estabeleceu-se como pioneira na indústria de animação antes de diversificar seus produtos para filmes em *live-action*⁴, redes de televisão e parques temáticos.

Nos primeiros contos produzidos pela Disney destacam-se Branca de Neve (1937), Cinderela (1950) e A Bela Adormecida (1959). A mulher nos contos de fadas “tradicionais” foi representada como um ser frágil. A emoção, o sentimento, a irracionalidade, a receptividade, a capacidade de amar, a sensibilidade para com a natureza fazem parte de sua identidade feminina. Por outro lado, nos contos mais “modernos” reproduzidos pela Disney, dentre eles Malévola (2014), Valente (2015) e Frozen (2013), o comportamento submisso por parte dos personagens femininos perdeu seu espaço. A princesa atual é construída como uma mulher guerreira que não necessita do elemento masculino para salvá-las do perigo.

Sabendo que nossa cultura nos instrui muito cedo sobre a diferença entre o masculino (ativo) e o feminino (passivo), a família, a escola e a literatura (contos), preocupados em marcar as diferenças entre meninos e meninas, apresentaram, desde a infância, padrões normatizadores do comportamento do homem e da mulher enfatizando que os mesmos não se misturam até a fase do casamento.

Os contos de fadas (que outrora foram transmitidos pela tradição oral) com o apoio dos filmes (ilustrações) tem sido transmitidos há séculos, misturando a realidade com a

⁴ *Live-action* significa a transmissão AO VIVO nas redes de televisões.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

fantasia, se adequando aos vários momentos históricos e às várias sociedades que os recepcionam. Assim, numa sociedade burguesa era muito importante que as meninas fossem criadas e educadas para a obediência e submissão. Isso se torna evidente em A Bela Adormecida, que mesmo no sono profundo tem a necessidade de esperar seu belo príncipe (desconhecido, porém figura masculina), para despertá-la com um beijo.

No conto de Branca de Neve, a princesa, é salva em dois momentos por homens: primeiro são os anões, e depois o príncipe. Mesmo sendo personagens infantis os anões detém o destino da princesa, assumem o papel de seus protetores (pediram para ela não saírem de casa sem estar acompanhadas por eles) e o príncipe é o futuro marido, protetor e que salva a princesa da madrasta mal e invejosa.

Em Cinderela, a aparência é a peça fundamental da personagem. Cinderela se revela com muitas virtudes, dentre elas a beleza, porém é construída como uma mulher ingênua, desprotegida e exposta aos perigos do mundo.

A Beleza, tanto em Cinderela quanto em Branca de Neve (com seus lábios vermelhos, cabelos negros e pele branca como a neve), e a Bela Adormecida (com sua linda voz e cabelos da cor do sol), era o maior estigma da feminilidade. Se a mulher não fosse bela, não seria feminina. Outros atributos que chamam a atenção eram a delicadeza, a honestidade, e a obediência que complementavam seus encantos. As personagens que não tinham esses atributos, e tentavam se impôr pela inteligência, pela maldade ou pela inveja, eram punidas ou simplesmente esquecidas.

Os homens (príncipes) nessas histórias são sedutores, educados e protetores, prontos para o resgate: salvar os objetos femininos, impondo ou não sua condição social por meio do matrimônio (prêmio). A mulher, agradecida com seu protetor, acaba se tornando uma vassala do marido. É ele quem decide, manda, desmanda, enfim dá a palavra final. Aos olhos da sociedade ele é o “senhor da casa”, a quem a esposa (princesa) deve obediência e fidelidade. As mulheres deste período tinham neste modelo (o homem protetor, valente e sedutor) o ideal de felicidade.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A educação das mulheres, no século XIX era vista como formação, uma preparação para as tarefas próprias de condição feminina, reduzindo-se a instrução a aprender a ler, escrever e contar, coser e bordar.

As mulheres não tinham histórias, não podendo, conseqüentemente, orgulharam-se de si próprias[...] Uma mulher não nascia mulher, mas tornava-se mulher. Para que isso acontecesse ela deveria submeter-se a um complexo processo no seio da uma construção histórica cujo o espírito determina seu papel social (BEAUVOIR, 2003, P.217).

Após um longo período de opressão e discriminação a passagem do século XIX para o XX foi marcada pelo movimento feminista que ganharia voz e representatividade política mais tarde em todo o mundo na luta pelos direitos das mulheres (o direito de tomar suas próprias decisões sem a interferência do pai, do irmão mais velho ou do marido, se abrindo para um leque de escolhas: casamento, trabalhar no comércio, estudar entre outras).

Mesmo com alguns avanços, ainda no início da segunda metade do século XX, as mulheres sofriam as conseqüências da discriminação e do status de inferioridade a elas atribuído. O modelo de família norte- americana estava no auge. Nele a figura feminina era imaginada de avental e com bobs no cabelo, no meio da cozinha, envolta por um liquidificador, por um fogão entre outros utensílios domésticos.

Segundo Áries, “Além de aprendizagem doméstica as meninas não recebiam, por assim dizer, nenhuma educação. Nas famílias em que os meninos iam ao colégio, elas não aprendiam nada” (ARIES, 1981. P.190). Nas décadas de 50, 60, e 70 do século XX o mundo assistia mudanças fundamentais no papel social da mulher, mudanças estas significativas para os dias atuais. As histórias infantis tiveram que se adaptar ao lugar construído para e pela mulher na sociedade, este englobaria o trabalho fora de casa, sem existir necessariamente a presença um homem para representá-la.

Nas histórias reproduzidas pela Walt Disney no início do século XXI, as princesas de aparências frágeis e delicadas vão sendo substituídas pelas mulheres determinadas, que tem voz ativa e que decidem por si só como trilhar o seus caminhos. Os mecanismos da fala ativa



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

e papel primário (como personagem principal) vão ser atribuídos a elas, juntamente com uma atitude de protagonistas da sua própria história.

No caso da princesa Merida, do filme *Valente*, ela não tinha como referenciais femininos a beleza e a obediência. Desde cedo começou a praticar o arco flecha, esporte que uma dama burguesa jamais poderia sonhar em praticar. Ela também era conhecida por sua rebeldia e por não aceitar de forma passiva o casamento arranjado pela sua família. A sua “redenção” não se dá pela espera do príncipe encantado (como é o padrão dos contos de fada anteriores), mas pela conciliação com sua mãe, a Rainha Elinor, que aceita que a filha trilhe seu caminho sem necessariamente acatar os padrões normatizadores do comportamento feminino da sociedade de sua época.

Frozen, outro conto fabricado pela Walt Disney no século XXI, tem como personagens principais as duas irmãs: a Rainha Elsa e a Princesa Anna. Na trama uma vai depender da força da outra para que o seu reino não seja destruído. A rainha Elsa, que tem o domínio sobre o gelo, acaba congelando, por acidente, sua irmã. Como nas histórias “tradicionais”, só um amor verdadeiro é capaz de livrá-la da maldição. Mas, ao contrário do padrão anteriormente construído, em *Frozen* esse amor não está atribuído a um príncipe (à figura masculina), e sim à própria Elsa, que “descongela” o coração da sua irmã com o abraço maternal.

O filme *Malévola*, produzido em 30 maio de 2014 nos Estados Unidos, conta a história na perspectiva da “Vilã” que de mal só tem o nome mesmo. Após ser traída (Malevóla acreditava ter o amor do Rei) e ter suas asas roubadas pelo Rei Stevan (o masculino é construído como o mal - ambicioso, egoísta) Malévola lança uma maldição sobre Aurora (filha do Rei). Malévola, ao longo da trama, assume um papel próximo ao maternal: protetora de Aurora, uma mulher guerreira que irá lutar contra as ambições do Rei. No final sua redenção se dá não pela figura masculina, mas por ela própria e por seu amor por Aurora.

As ambições e traições estão presentes em *Frozen*, onde a princesa Anna, em um primeiro momento acaba se apaixonando pelo príncipe Hans, das Ilhas do Sul, já que enxerga nele um refúgio para se livrar da indiferença da sua irmã (que esconde um segredo: o poder do gelo e por isso se isola). Ao ser atingida pelo poder de sua irmã Anna recorre ao



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Príncipe Hans para que ele lhe dê um beijo de amor verdadeiro e lhe livre da maldição. O que deveria ser um final feliz se torna sua maior decepção, pois o Hans revela suas reais intenções: Ele nunca a amou, só iria se casar com ela para ter o domínio do reino de Arendelle. Este momento da trama desconstrói os finais felizes dos contos de fada analisados no início deste texto, propondo outras alternativas para a felicidade.

Em Malévola e em Frozen os discursos acabam se modificando. O masculino (a parte que tomava sempre as decisões corretas), que respondia com atributos baseados na lógica, objetividade, capacidade de exercer o poder e controlar as situações se transforma no grande mal. Nestes contos, se não tivesse a interferência da personagem feminina, os reinos (das fadas e da humanidade) acabariam destruídos e os súditos vivendo nas opressões pelas ganancias dos reis.

Os contos de fadas da Disney do século XXI possuem uma forte influencia feminista, pois construíram espaços em que as mulheres tinham papéis não mais secundários, mas primários, como Malévola, Elsa e Anna e a Princesa Merida. O feminino é apresentado como corajoso, inteligente, atuante e com poder decisório. A maldade, por sua vez, não está presente apenas no espaço feminino, mas também no masculino, se temos bruxas, também temos ogros. As princesas modernas não mais precisam resgatadas ou ficar “dormindo” à espera do príncipe encantado. Segundo Bruno Bettelheim, “Por mais atraente que seja a ingenuidade, é perigoso permanecer ingênuo toda a vida” (BETTELHEIM, 1980, P. 208-209).

A partir dos questionamentos sobre o papel da mulher na sociedade do século XX e o início do século XXI através dos filmes da Walt Disney (Branca de Neve, Cinderela, A Bela Adormecida, Valente, Malévola e Frozen), todas as diferenças estão subordinadas ao momento histórico em que se insere o sujeito. Este redimensiona modos de vida, a partir de uma intenção, regida por quem tem o poder.

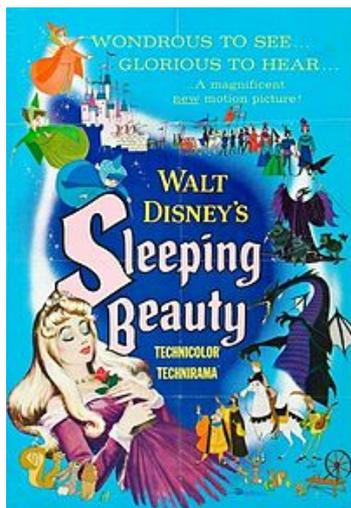
No século passado prevalecia a ideia que a mulher pertencia apenas ao espaço privado, ao doméstico. À ela não era dado o direito de circular ou frequentar o espaço público. Nesse sentido, a educação para ela passa a ser sinônimo de uma preparação para o “bom



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

desempenho de seu papel de mãe e esposa”. Ao analisar os posters do filme *A Bela Adormecida* (1959), percebemos como era fabricada a representação da personalidade feminina: uma mulher meiga, educada, frágil, indefesa e submissa.

Figura 1: poster original do filme *Sleeping Beauty* (*A Bela Adormecida*, de 1959)⁵



Na figura 1, A princesa Aurora é frequentemente descrita como tímida e sofisticada, bem como uma romântica incurável. Bastante ingênua e insegura, resultado de ter sido protegida na maior parte de sua vida.

Ao analisar o *poster* *A Bela Adormecida*, a primeira impressão é sua passividade: mesmo em sono profundo e sendo amaldiçoada pela fada/bruxa Malévola, que lhe lança uma maldição de espetar o dedo no fuso de uma roca no seu décimo sexto aniversário e cair no sono profundo, a jovem mulher não aparenta preocupação. Ao contrário, mesmo no mundo dos sonhos, continua meiga e de tamanha beleza, à espera de seu príncipe encantado: o Filipe, para salvá-la com um beijo de amor verdadeiro.

⁵ Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Bela_Adormecida_\(filme\)#/media/File:Sleeping_Beauty_Disney.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Bela_Adormecida_(filme)#/media/File:Sleeping_Beauty_Disney.jpg) . Acesso em 03 de abril de 2015.

⁶Os irmãos Grimm (em alemão *Brüder Grimm* ou *Gebrüder Grimm*), Jacob (Hanau, 4 de janeiro de 1785 – Berlim, 20 de setembro de 1863) e Wilhelm (Hanau, 24 de fevereiro de 1786 – Berlim, 16 de dezembro de 1859), foram dois irmãos, ambos acadêmicos, linguístas, poetas e escritores que nasceram no então Condado de Hesse-Darmstadt, atual Alemanha. Os dois dedicaram-se ao registro de várias fábulas, ganhando grande notoriedade. Notoriedade essa que, gradativamente, tomou proporções globais.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A construção foi feita de acordo com o discurso emergente na época (século XX) adaptando o filme A Bela Adormecida para o público infantil, uma vez que as histórias originais na versão dos irmãos Grimm⁶ eram direcionadas para o universo dos adultos. A Disney tentou, de forma sutil, transmitir qual seria o papel da mulher e do homem na sociedade do fim da década de 1950. As Belas Adormecidas (mulheres jovens da época), além de serem bondosas e submissas ao seu pai ou marido, não poderiam se salvar sozinhas: sua salvação dependeria exclusivamente da presença do masculino.

Figura 2: *Poster Original do Filme Brave (Valente, de 2012)* ⁷.



A Figura 2 se caracteriza por ser a primeira animação da Pixar⁸ protagonizada por uma mulher: Mérida. Essa princesa, também conhecida como Valente se diferencia das primeiras princesas das Disney. Mérida é uma menina impetuosa que quer assumir o controle de seu próprio destino, aprimorou sua habilidade no arco e flecha, e é uma das arqueiras mais experientes que já se viu. Ela também é hábil em luta de espadas e em corrida com seu cavalo Angus.

⁷ Fonte: <http://pixartimes.com/wp-content/uploads/2012/02/Brave-Apple-Poster.jpg>

Acesso em 03 de abril de 2015.

⁸ Pixar Animation Studios é uma empresa de animação digital norte-americana pertencente a The Walt Disney Company, e vencedora de diversos Óscares.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Ao analisar o *poster* do filme *Brave*, percebe-se que a postura da representação da mulher se modificou: Mérida se apresenta como uma guerreira, pronta para lutar e defender suas ideias. Conhecida por seus cabelos vermelhos e despenteados, além de possuir uma personalidade forte e dominante, sua redenção vai ocorrer através de sua mãe, a Rainha Elinor que, no decorrer do filme, tenta transformar Mérida em uma “dama” através de padrões de comportamento normatizados pela sociedade. Cansada dos discursos da mãe, a princesa, ao encontrar uma bruxa da floresta, pede um feitiço para pôr fim às opressões causadas pela rainha, transformando sua mãe em um urso. Valente, ao lado de sua mãe, irá lutar pela quebra desse feitiço e, no final, sua redenção ocorre pela compreensão e respeito: a rainha deixa sua filha trilhar seu destino sem as interferências do meio social.

O nome do filme *Brave*, é uma mensagem subliminar, para mostrar como os discursos se modificaram, Merida pode ser uma princesa do período da Idade Média com suas vestimentas nobres, mais seus discursos e a formas de pensar, são de uma mulher do século XXI, que defende a igualdade para ambos os sexos.

Com as modificações dos discursos e mentalidades, a Disney, ao reproduzir os filmes dos contos de fadas, passou a ter como personagem central a figura de uma mulher, que até o final do século XX era vista como personagem secundária e sem voz ativa. Um exemplo é a princesa Mérida, mais conhecida por sua valentia e questionamentos do que por sua submissão ou beleza.

Mulheres e homens, ao longo de boa parte da história da humanidade, desempenhavam papéis sociais muito diferentes. Essas funções e esses padrões comportamentais variam conforme diversos fatores: classe social, posição na divisão do trabalho e principalmente segundo o sexo.

Nos filmes da Walt Disney do século XX, a figura feminina foi associada a uma ideia de fragilidade que a colocou em uma dependência total do masculino, seja do pai, irmão ou marido, alimentando as construções machistas da sociedade da época. Esse modelo colocou a mulher sobre a tutela do homem, antes (na figura do pai e do irmão) e depois do casamento (na figura do esposo). O casamento, enquanto ritual, marcaria a origem de uma nova família,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

na qual a mulher assumiria o papel de mãe, passando das mãos do seu pai para as do seu noivo.

Segundo Aries, a menina/ mulher após seu primeiro ciclo menstrual, já estava apta a se casar e deixar a casa do seu pai para morar com seu futuro pretendente, escolhido pelo pai da noiva, por interesses financeiros. Principalmente se fosse da classe burguesa, na qual o matrimônio, assim denominado de casamento cortês, acontecia.

Nos filmes da Disney, as princesas, na fase da infância, já possuem um noivo, como acontece com a princesa Aurora (A Bela Adormecida), prometida desde bebê ao príncipe Felipe. E, por “interferência” do destino acabam se apaixonando antes mesmo de saberem que são estão comprometidos por um “bem maior”: a união dos reinos.

No caso da princesa Mérida, o casamento por conveniência e a dependência que ela teria da presença do masculino (marido), não é aceitável e a levou a se rebelar contra as regras de convivência impostas pela sociedade.

Mas a problemática principal que emerge e é um dos motores desta pesquisa, ainda em fase inicial é: qual é o papel da mulher na sociedade atual? Será que ela continua a sombra ou na tutela do homem? Pode-se afirmar que a mulher de hoje tem uma maior autonomia e liberdade de expressão, a emancipação do seu corpo e suas ideias. Como acontece em Frozen, Malévola e Valente, todas são mulheres que, mesmo sendo discriminadas, acabam mostrando que seus potenciais e suas forças que não estão atrelados à força física (elemento construído como masculino), mas no poder do discurso, do convencimento, nas negociações.

A mulher do século XXI deixou de ser coadjuvante para assumir um lugar diferenciado na sociedade, com novas liberdades, dando voz ativa ao seu senso crítico. Hoje as mulheres não ficam restritas apenas ao espaço privado, ao lar; tomaram dimensões amplas e tem um papel fundamental no comando das universidades, empresas, nas escolas, nos hospitais e outras instituições.

Referências

ARIES, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

HIDRATA, Helena. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

PERRAULT, Charles. **Contos**. Lisboa: Estampa, 1977.